

MABE BETHÔNICO



Mabe Bethônico/ Jônio Bethônico, Cartaz da Campanha Arquivo Wanda Svevo, 90 x 63 cm, impressão digital com pigmento mineral sobre papel, 2006

R&M: O projeto *museumuseu* que tomou o Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal, na 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, expõe duas dimensões importantes através da intersecção entre Arte e Memória: a invisibilidade, e podemos dizer o silêncio, de uma instituição de memória como o arquivo e as ficções criadas para legitimar tais lugares. Como foi construir um relacionamento com uma instituição aparentemente tão consolidada quanto o arquivo?

Mabe Bethônico: O Arquivo Wanda Svevo é a instância permanente da Fundação Bienal de São Paulo desde sua instauração; onde está depositada a memória de produção dos eventos: fotografias, comunicações com artistas e curadores, documentos de divulgação e catálogos publicados, além de biblioteca especializada. Apesar de sua importância, o arquivo é utilizado sobretudo internamente e é desconhecido pelo público que frequenta os eventos, apesar de estar localizado no segundo andar do edifício, tendo uma porta que sai ao lado do banheiro feminino do pavilhão. O arquivo até então não havia participado dos eventos e o trabalho foi feito em tres eixos: primeiramente registramos como o arquivo é abordado por telefone, colecionamos as perguntas dirigidas por pesquisadores e curiosos, buscando identificar o que é normalmente procurado, as demandas e entendimento geral que se tem a seu respeito. Em segundo lugar, fizemos uma campanha através de série de cartazes anunciando endereço, contato, etc. Finalmente, durante a exposição fizemos visitas guiadas, levando o público a conhecer o arquivo pela porta acessível pelo pavilhão. O trabalho serviu para o reconhecimento da Bienal sobre esse espaço, foi preciso adequá-lo fisicamente para visitação de público e cada instância de negociação para a execução do projeto foi um processo de questionamento.

R&M: É indubitável que no conjunto de seu trabalho o ato de colecionar pode ser compreendido para além das possibilidades museológicas. Nele, em certa medida, colecionar nos parece uma pulsão instintiva, seja dos sujeitos, seja das instituições. Todavia, arriscaríamos a pensar que *coleção* e *coleccionador* aparecem como dimensões poéticas ironicamente distantes. Penso, por exemplo, no Museu do Sabão, que em sua lógica itinerante possibilitaria assimilar novas peças, contribuições do público. Todavia, o zelo na disposição da coleção, em toda sua lógica classificatória, parece não incentivar a perturbação e a mudança. Como a ironia funciona em seu trabalho?

Mabe Bethônico: O Museu do Sabão tem hoje o dobro de sua altura original sobre rodas e possui novas sessões. Seu desdobramento seria desejável e a ideia era que seu crescimento eventualmente impedisse seu trânsito como “Módulo Itinerante”, ou o levasse a uma fixação. Ao ser adquirido pelo Museu de Arte da Pampulha passou a ser mais difícil sua continuidade, que demanda uma aproximação e um desejo mútuo no sentido da sua viabilização. Talvez a ironia esteja no fato de que dentro de uma instituição, enquanto obra colecionável, ele tenha perdido sua própria dinâmica institucional. Diferentemente, estamos estudando meios para que o Colecionador na Pinacoteca de São Paulo permaneça um personagem vivo e autônomo, e para que isso aconteça é necessário haver diálogo e aproximação e o entendimento da obra com certo grau de questionamento.



Mabe Bethônico, Módulo Itinerante do Museu do Sabão, 2005; sabão de limpeza doméstica, objetos de sabão, trilhas de áudio, sinalizações em vinil, embalagens e receitas. Fotografia: Marcelo Rosa



Mabe Bethônico, Projeto Invisibilidade Mineral, desde 2009, cartazes, videos, flyers, com contribuições de Anselm Jappe. Exposição "World of Matter", HMKV/ Dortmunder U, 2014. Fotografia Hannes Woidich

R&M: Ao transformar o universo museológico em um “problema” poético, sua obra posiciona-se politicamente. Há uma dimensão política explícita nas suas produções. Muitos artistas contemporâneos tem se posicionado contrários às instituições museológicas. Outros usam-nas como ferramenta. Qual a sua posição diante do museu?

Mabe Bethônico: Meu interesse por arquivos e museus está em seu potencial como campo de ficção: busco lacunas, questões esquecidas, sintomas, e busco construir uma relação com seus ‘agentes’ de forma a adentrar e ativar seus conteúdos. Assim, ocupo a rotina de trabalho e logo deixo de ser visitante para ser participante, - cúmplice ou ameaça. Esses papéis me interessam, não ocupo lugar de observação, mas de construção, ativando engrenagens, causando mudanças.

Utilizo ainda uma estrutura museológica para organizar a prática sobre instituições, é um lugar em que os trabalhos se relacionam: registros de intervenções em museus e arquivos existentes e criações de instituições: o museumuseu.

R&M: Em sua opinião, para além das precariedades corriqueiras, o que falta aos museus brasileiros de arte para um relacionamento mais profissional com os artistas?

Mabe Bethônico: Apenas trabalhei com museus de arte em que fui convidada a atuar. Se houvessem supostas precariedades, elas seriam incorporadas nos projetos. No Brasil todas as experiências foram de parceria, mesmo se em algum lugar o trabalho fosse percebido como distúrbio ou ameaça. Estou dizendo de museus que foram motores de construção de obras, onde trabalhei sobre os territórios onde mostrava o trabalho. Mas aos museus enquanto lugares expositivos, geralmente falta clareza nas contrapartidas. Se contribuo com uma obra para uma mostra, normalmente se considera a própria instância expositiva lucrativa para o artista. O esclarecimento sobre as condições de trabalho, comunicações sobre produção e finalmente, o cuidado com a obra incluindo seu registro no espaço, e retorno sobre o evento, como clipping de notícias e de modo geral algum diálogo sobre a recepção do trabalho, etc., normalmente inexistente.

Mabe Bethônico: artista e pesquisadora da Escola de Belas Artes da UFMG, com Mestrado e Doutorado em Artes Visuais pelo Royal College of Art, Londres. Coordena o Grupo de Pesquisa Memória, mimese, amnésia na UFMG. Artista do World of Matter, grupo internacional de artistas e teóricos iniciado por Ursula Biemann e Uwe Martin em colaboração com o Institute for Theory (ZHdK), Zurique e Visual Department da Goldsmith College, Londres. Atualmente (2013 - 2014) desenvolve projeto de pós-doutorado no Museu de Etnografia de Genebra com apoio da UFMG e CNPq e participa do projeto Embodied Archeology of Architecture and Landscape, da curadora Ana Paula Cohen, junto ao Tel Aviv Museum of Art. Desde 2000 desenvolve o projeto museumuseu - www.museumuseu.art.br. Desde 1996 constrói o projeto O Colectorador e desde 2010 pesquisa sobre a invisibilidade da mineração em Minas Gerais [apoio FAPEMIG e CNPq]. Vive e trabalha em Belo Horizonte, MG.

